

## PROJECTO

Quando surgiu este projecto, qual foi a primeira imagem que lhes ocorreu? Qual a vossa grande referência?

Camilo R.: *Bem a primeira coisa que eu acho que é importante dizer é que foi um concurso público, ou seja, tem duas fases. Concorremos com mais 41 candidatos, ganhámos, portanto é uma fase muito livre e a grande vantagem de fazer um concurso é que tu não estás a interagir com um cliente, ou seja, é mais abstracto e nesse sentido ocorreu-nos muitas coisas e passou-nos muitas referências pela frente. Depois a partir da segunda fase, já há uma figura, já há uma instituição e a partir daí há um diálogo muito mais assertivo no sentido de fechar portas.*

*Assim, as referências foram muito vastas. Durante a fase de concurso usamos de tudo, desde a muralha da china, pirâmides, até às próprias barragens. Depois durante o processo, propriamente de construção de uma ideia, houve três referências que foram determinantes: Richard Serra, que nas suas intervenções de paisagem, intervenções gráficas e afirmativas marcam uma geometria no território, o Richard Long, que trabalha com a própria matéria do sítio e desenha e compõe com a própria matéria e depois o Eduardo Chillida, porque efectivamente tivemos oportunidade de visitar a sua fundação, a San Sebastián, que efectivamente trabalha a massa no sentido do escavar, do esculpir, de criar texturas, retirar texturas e portanto esse “modus operandi” interessou-nos, não só como resultado, mas também para o próprio desenho da peça.*

Tiago P.: *Curiosamente, não por mania, nem por preconceito, as referências não foram muito arquitectónicas e isso tinha exactamente a ver com a especificidade de ser um edifício num contexto único e irrepetível, num local com aquela simbologia toda e com aquela realidade física muito marcante, aquela paisagem sem nada à volta. Quase intuitivamente o nosso referencial baseou-se mais em intervenções artísticas do que arquitectónicas, exactamente por causa disso, os artistas de certa maneira estão livres de alguns constrangimentos que, por vezes, nós arquitectos tendemos a atrofiar e para nós era fundamental libertarmo-nos disso e isso até foi quase inconscientemente, as referências acabaram por ser pouco arquitectónicas, mas claro que há sempre referências arquitectónicas, porque não estamos a fazer uma instalação na paisagem, estamos a fazer um edifício. Nesse aspecto houve uma obra que foi importante que é a Casa Malaparte, exactamente por causa da fusão entre o que é a paisagem e a casa, era o tipo de resultado que pretendíamos, não em termos formais, a não ser na cobertura pela questão de ser uma espécie de palco e isso era uma ideia que ia de encontro com aquilo que estávamos à procura.*

Como descreveria o Museu do Côa?

Camilo R.: *Do ponto de vista programático a forma mais sintética de descrever o edifício é dizer que tem um percurso em continuidade que nos distribui ao longo do programa e que nos leva a uma espécie de princípio da história. Ou seja, é uma rampa que desce, distribui à esquerda e à direita os programas, parque, museu, entra num átrio, serve bilheteira loja, distribui as exposições temporárias e permanente e chega ao fim e tem a grande sala da exposição. Isto é um acto contínuo, ou seja, passa de um exterior para um interior e ainda um mais interior. Mas é um acto contínuo.*

Tiago P.: *Do mesmo modo, queríamos que o projecto fosse um gesto afirmativo e era*

*a geometria que dava esse gesto afirmativo de contraste com o natural, mas que ao mesmo tempo fizesse parte deste. Deste modo, a matéria é uma coisa muito importante e dois materiais, que desde cedo identificámos como materiais a utilizar, um era o xisto, porque a maior parte das construções locais utilizam o xisto (as próprias vinhas e as próprias gravuras são feitas em xisto), mas as técnicas construtivas que existem para utilizar o xisto obrigavam que o edifício fosse uma coisa fragmentada, fosse por placagem ou fosse por muros e a nós interessávamo-nos uma coisa monolítica, tendo assim, surgido o interesse pelo betão. O betão permitia que fosse feito “in situ”, ou seja, não era feito por placagem e permitia construir uma peça monolítica. Por outro lado, estava associado às grandes obras de transformação da paisagem que são as barragens na zona do Douro e tinha também a particularidade de ser com a conotação negativa. Assim, nós achamos interessante que se conseguíssemos juntar as melhores características destes dois materiais, seria o ideal para fazer o edifício, portanto o edifício foi construído com essa busca: um material com as tectónicas do betão, mas que tivesse as texturas e cor do xisto.*

Camilo R.: *E também o betão permitiu-nos retirar da sua expressão atitudes e gestos idênticos, à do homem paleolítico. Portanto nós texturamos, gravamos, escavamos, polimos, furamos betão e conseguimos usando os “instrumentos da arquitectura” expressar coisas, da mesma forma que o Homem paleolítico, através dos seus bisturis e das suas sílex's, conseguim expressar as suas inquietudes.*

Existe algum espaço / pormenor que queiram destacar?

Tiago P.: *A rampa.*

*Havia uma dificuldade neste edifício que era um edifício que não deveria ter porta, quase ao contrário do que é normal, porque a porta é o momento onde as pessoas chegam, de certa forma é a cara do edifício e este precisava de não ter uma porta. Portando a procura de resolver de como é que se entra num edifício sem ser através de uma porta, foi criar uma fenda, com diferentes momentos e no fundo é esse espaço que percorre todo esse edifício, que é a espinha dorsal digamos, permite também criar diversas relações quer com a paisagem visual, quer com a paisagem no sentido da luz, fazendo a transição de uma paisagem que era muito intensa, principalmente no verão, que é uma luz brutal e agressiva, para uma situação quase de penumbra, que era o que era necessário para as áreas expositivas.*

Se tivessem que refazer o projecto, executá-lo-iam de igual forma?

Tiago P.: *A única coisa que eu pessoalmente tenho pena foi de algumas experimentações que foram feitas. Isto foi um processo muito longo e ao longo desse processo houve muito ensaios e muitos testes. Tenho pena que decisões pouco arquitectónicas, e até bastante democráticas, se tenham perdido alguns elementos que nós estudamos e que aqui iriam contribuir para uma maior diversidade em relação da paisagem dentro do próprio edifício. É a única coisa que se fosse hoje teríamos com certeza batido mais por essa ideia.*

Camilo R.: *Eu estou totalmente de acordo com o Tiago, eu acho que as circunstâncias só existem uma vez. O projecto demorou de 2004 a 2010, seis anos e demos o nosso melhor, utilizamos o que sabíamos e o que não sabíamos. Ante ontem ouvi uma entrevista do Sebastian Vettel e eu nunca tinha visto nem ouvido falar e foi interessante*